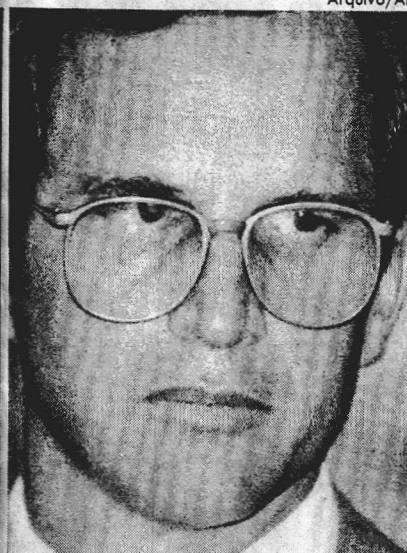




COM MAIOR CREDIBILIDADE DO GOVERNO, AS EMPRESAS DEVERÃO REAJUSTAR SEUS PREÇOS ESTRITAMENTE DENTRO DO NECESSÁRIO.

(Emerson Kapaz, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos.)



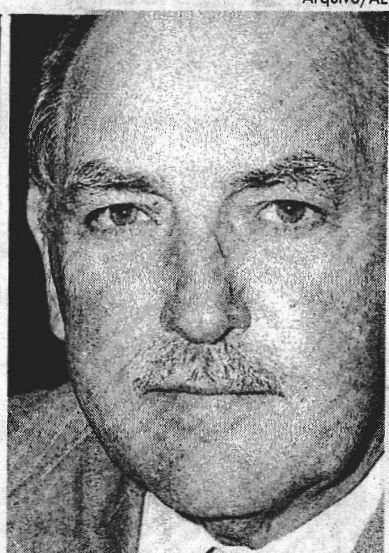
COM AS GRANDES OSCILAÇÕES NA ÁREA POLÍTICA, PARECE TER-SE CONSOLIDADO UM PATAMAR DE ESPERA NOS NEGÓCIOS.

(Luiz Fernando Furlan, presidente do conselho de administração da Sadia.)



ELEVAR OS JUROS AGORA SERIA UM CONTRA-SENSO. O JURO É O MAIOR INSUMO INFLACIONÁRIO.

(Aldo Lorenzetti, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.)



É PRECISO RETOMAR O CRESCIMENTO DENTRO DA CAPACIDADE INSTALADA DA INDÚSTRIA. ISSO É O QUE REDUZ CUSTOS E PREÇOS. E O GOVERNO PRECISA BAIXAR OS JUROS.

(Celso Hahne, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico.)

Empresários otimistas

ELES ACHAM QUE A ESCOLHA DE FERNANDO HENRIQUE ABRE BOAS PERSPECTIVAS

GIOVANA PICILLO

Grandes empresários são unânimes em afirmar que o primeiro impacto para a economia da escolha de Fernando Henrique Cardoso para o Ministério da Fazenda é a melhora das expectativas, que costumam ser forte componente inflacionário. Com maior credibilidade do governo, as empresas deverão reajustar seus preços estritamente dentro do necessário, acredita Emerson Kapaz, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos (Abrinq). Mas, se a credibilidade é um importante ponto na batalha contra a inflação, o novo ministro terá de equacionar, de início, a questão dos juros.

Uma alta das taxas, como vinham sugerindo técnicos do governo, pode afetar o consumo, que em maio já começou a dar sinais de esfriamento, advertem os empresários. Os economistas, em contrapartida, defendem: não é possível derrubar os juros agora, sob o risco da inflação se acelerar. É entre essas duas possibilidades

que o novo ministro terá de fazer um difícil ajuste.

Em maio, arrefeceu o ímpeto de crescimento das vendas, tanto no varejo como nas indústrias, confirmam empresários dos setores de alimentos, eletrodomésticos e fornecedores de matérias-primas, entre outros. "Com as grandes oscilações na área política, parece ter-se consolidado um patamar de espera nos negócios", diz Luiz Fernando Furlan, presidente do conselho de administração do Grupo Sadia, um dos maiores da área alimentícia.

A aceleração da inflação também corroeu o poder aquisitivo do assalariado e esfriou as vendas dos eletroeletrônicos, confirma Eugênio Staub, presidente da Gradiente. A escolha de Fernando Henrique diminui a insegurança e pode

ajudar os negócios, reforça.

Do lado dos preços, os empresários também mostram-se mais otimistas: "Quando se espera pelo pior, trabalha-se de forma preventiva e o pior acaba acontecendo.

E, no caso contrário, a empresa reajusta dentro do estritamente necessário", diz Kapaz. Mas, ainda que as negociações entre governo e empresários, no âmbito das câmaras setoriais, consigam melhores resultados agora, porque há mais confiança na equipe econômica, outros fatores inflacionários precisam ser corrigidos.

"O mais importante é zerar o déficit público e, para isso, o governo terá de ser duro no controle das despesas e administrar com cuidado a retomada da atividade, para que isso não seja repassado para os preços", adverte Sideval



Cardoso: difícil ajuste.

Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas do Estado de São Paulo. Kapaz completa: "O governo tem que ter austeridade nos gastos. Essa será a prova de fogo do novo ministro."

No curto prazo, são as taxas de juros que podem ajudar a determinar o patamar da inflação. "Elevar os juros agora seria um contra-senso", ressalta o empresário Aldo Lorenzetti, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), ao lembrar que há 12 anos se tenta combater inflação com juros altos, sem resultado. "O juro é o maior insumo inflacionário", complementa.

Para Celso Hahne, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast), "é preciso retomar o crescimento dentro da capacidade instalada da indústria, porque isso é o que reduz custos e preços. E, para isso, o governo precisa baixar mais os juros". Empresários e economistas concordam: a economia ainda está em recessão e o crescimento nas vendas não foi homogêneo.